

ROTHA CULTURAL

Jornalismo
para preservar
histórias,
memórias
e identidades

Edição nº 20 -Julho 2025

Foto: Débora Guimarães Memórias



Fé, devoção e ancestralidade

**Saberes do
Rosário é
Patrimônio
Cultural do
Brasil. Médio
Piracicaba
tem dezenas
de grupos que
mantém viva
essa tradição.**

Mistura 2025

Festival Gastronômico de João Monlevade apresenta o sabor irresistível do “Boteco Chic”

Fotos: Divulgação



Está chegando o Mistura 2025, o Festival Gastronômico que vai transformar a Praça do Povo em João Monlevade num paraíso de sabores, ritmos e encontros inesquecíveis. Neste ano, a 4ª edição, no próximo dia 27 de julho, tem como tema “Boteco Chic”. Nesta edição, os tradicionais petiscos ganham nova roupagem pelas mãos dos melhores chefs, cozinheiros e bartenders da região, que disputam o desejado Troféu Mistura. Bolinhos, rabadas, cachaças artesanais e caipirinhas inusitadas prometem surpreender o público com sabores ousados e apresentações de alta gastronomia, sem perder o calor da tradição brasileira.

Assim, o evento traz releituras criativas e sofisticadas da comida de boteco. A proposta é dar um toque gourmet à culinária tradicional de bares, que tanto encantam os paladares que conquistam a todos. Tudo isso em um ambiente pensado para celebrar a comida de rua com sofisticação, sem abrir mão do espírito democrático e descontraído do boteco.

ATRAÇÕES

Ícone do samba pop e da música brasileira contemporânea, Seu Jorge (foto à esquerda) sobe ao palco do Mistura com um repertório que vai de hits dançantes a baladas cheias de poesia. O artista carioca é detentor de vários sucessos, como “Burguesinha”, “Mina do Condomínio”, “Carolina”, “Amiga da Minha Mulher”, dentre outros.

Ele acaba de lançar seu mais recente trabalho, intitulado “Baile à la Baiana”, primeiro álbum de músicas inéditas em dez anos. Seu novo show, segundo a crítica, traz como proposta, transformar a apresentação em uma grande celebração dançante, com muito groove, percussão e interpretações cheias de swing

Conforme a Fundação Casa de Cultura, direto do chão sagrado do samba carioca, da Pedra do Sal, da Lapa e do lendário Clube Renascença, o carismático músico Vinny Santa Fé (foto à direita) desembarca em João Monlevade com o cavaquinho afinado, o sorriso largo e a alma cheia de samba. “O artista, que vem conquistando o país com seu talento e presença nas rodas mais tradicionais

do Rio de Janeiro, apresenta um repertório recheado de clássicos do samba e de seu hino moderno, ‘Castelo de Um Quarto Só — sucesso absoluto nas rodas e regravado por nomes como Marcelo D2 e Renato da Rocinha”, informa a entidade.

O show de Vinny, informa a administração, será o esquentado oficial para o aguardado show de Seu Jorge, pela primeira vez na cidade, tornando a noite de 27 de julho uma das mais memoráveis do ano para o público monlevadense.

GASTRONOMIA, CULTURA E DIVERSÃO

Além das delícias e dos shows, o Mistura oferece um espaço especial para os pequenos, com brinquedos e atividades recreativas para garantir a alegria da criançada — tornando o evento uma experiência completa para toda a família. O evento é para toda a família, com um dia repleto de entretenimento, cultura e muito lazer, com entrada franca, na região central de João Monlevade.



EXPEDIENTE: JORNAL ROTH CULTURAL - Fundador e editor: Erivelton Braz

Rotha Cultural - Publicação da Rotha Assessoria LTDA
Rua Betim, 295, Lourdes – João Monlevade - MG - CEP: 35930-063 / Tel: (31) 98484-1352/ feliciobraz@yahoo.com.br
CNPJ: 27.510.172/0001-61 - Distribuição gratuita dirigida a escolas, bibliotecas e entidades - Tiragem: 1.000 exemplares
João Monlevade, Médio Piracicaba, Brasil e Mundo - Diagramação e arte: Guilherme Bessa

Colaboradores desta edição:

Dorian Marques, Débora Guimarães Fotografias,
Marcos Martino, Gláucio Santos

Festival de Inverno de São Gonçalo

Evento celebra “Todos os Sons” com 11 dias de música, cultura e grandes atrações

Fotos: Divulgação



Alceu Valença, Mumuzinho e Vitor Kley são algumas das atrações nacionais no Festival de Inverno de São Gonçalo

São Gonçalo do Rio Abaixo vai pulsar mais forte neste mês de julho com a chegada da 21ª edição do Festival de Inverno, que acontece entre os dias 17 e 27, sob o tema “Festival de Todos os Sons”. A proposta é uma verdadeira maratona sonora democrática, vibrante e gratuita, que une gerações, estilos e sentimentos.

Do samba ao rock, da MPB à música instrumental, o festival é um mosaico sonoro que faz jus ao nome. Roupa Nova, Alceu Valença, Mumuzinho, Detonautas e Vitor Kley são as estrelas nacionais que vão iluminar os palcos da cidade, com grandes sucessos. O festival também vai além dos grandes nomes, com a programação valorizando talentos locais, atrações infantis, cinema ao ar livre e humor mineiro de primeira. Todos os shows são gratuitos, na Praça Central.

A festa começa na quinta-feira (17), a partir das 18h30, com o cantor Daniel Moreira, seguido pelo grupo Musicalidade e pela vibrante Big Band SG, símbolo da força musical da cidade. É o pontapé ideal para um festival que faz da cultura local seu ponto de partida e de chegada.

Na sexta-feira (18), o pagode romântico e cheio de suingue de Mumuzinho toma conta da Praça Central às 21h, seguido por Lipe Souza e Graci Ferreira, em uma noite para cantar e dançar.

O sábado (19) é para os fãs de guitarra, bateria e atitude: a banda Neanderthal abre a noite rockeira às 19h, preparando o terreno para os veteranos do Detonautas, às 21h. E a noite ainda termina com um tributo de peso: o grupo The Best Experience revive os hinos do Iron Maiden, às 23h, para fazer até os mais novos sentirem o gosto dos anos 80.

No domingo (20), o clima muda, mas a emoção segue firme: o carisma de Bruno Felga e Banda F aquece o público às 19h, preparando o terreno para a apresentação dos eternos românticos do Roupa Nova, que sobem ao palco às 21h com sua coleção de sucessos que atravessa gerações.

MAIS ATRAÇÕES

Depois de uma merecida pausa na segunda-feira, o Festival retorna com programação para toda a família. Na terça (22), a criançada ganha o palco com duas sessões do clássico. Os Saltimbancos, às 18h30 e 19h30. Na quarta-feira (23), é a vez do riso solto com a comédia “Perigo! Mineiros em Férias”, às 20h — uma verdadeira viagem nas peculiaridades do nosso jeito de ser.

Na quinta (24), o cinema vai tomar conta da Praça, com exibição ao ar livre a partir das 19h, transformando o espaço público num verdadeiro cineclube a céu aberto. A sexta-feira (25) mistura o pop solar de Vitor Kley, às 21h, com os clássicos dos Beatles na versão da Sgt. Pepper, às 23h. Antes deles, às 19h, quem abre a noite é a Banda Decks.

No sábado (26), a festa continua. O músico Deângelo Silva sobe ao palco às 19h, seguido pelo ícone Alceu Valença, às 21h, que promete um show antológico com frevo, maracatu e poesia. A noite termina com Bob Drumond recebendo Tacho Trio e Naldo Sanfoneiro, às 23h, numa celebração dançante da música de raiz.

E para fechar com alegria, o domingo (27) traz a “Tardezinha 2.5” com Tiago Luiz, a partir das 15h — uma tarde de descontração, samba e boas energias para encerrar o festival de forma leve e festiva.

Local: Praça Central – São Gonçalo do Rio Abaixo

Entrada: Gratuita

Datas: 17 a 27 de julho

Atrações principais: Roupa Nova, Alceu Valença, Mumuzinho, Detonautas, Vitor Kley, Sgt. Pepper

Atividades extras: Teatro infantil, cinema ao ar livre, stand-up e espaço para artistas locais

Saberes do Rosário

Tradição afro-brasileira vira patrimônio imaterial brasileiro com presença marcante no Médio Rio Piracicaba

Por Erivelton Braz



Foto: Debora Guimarães Memórias

Recentemente, em 17 de junho de 2025, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) oficializou, por unanimidade, o registro dos Saberes do Rosário: Reinados, Congados e Congadas como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, durante a 109ª reunião de seu Conselho Consultivo. A aprovação representa um marco de reparação histórica e justiça social. Além

disso, segundo o Iphan, representa um pacto entre os governos e as comunidades detentoras desses saberes para a preservação da tradição. Esses saberes englobam práticas de ancestralidade afro-brasileira: cantos, danças, cortejos, rezas, missas e coroações de reis e rainhas de Congo que são mantidos vivos, há mais de três séculos, em comunidades de ao menos 16 estados brasileiros, incluindo Minas Gerais.

FORÇA NA REGIÃO

Na região do Médio Rio Piracicaba, há

décadas, a tradição se faz presente. Em João Monlevade, as Guardas de Congado, como a de Nossa Senhora de Santana (Laranjeiras) e a de Marujo Nossa Senhora do Rosário, além da Guarda de Congo, são registradas como patrimônios imateriais do município.

Além de João Monlevade, na região, são centenas de grupos, presentes em praticamente todas as cidades, com destaque para grupos de Rio Piracicaba, Alvinópolis, Dom Silvério, São Domingos do Prata, São Gonçalo do Rio Abaixo, Itabira, Santa Bárbara, dentre outras.

Cuidando desses saberes, a região mantém a Associação Cultural dos Congados da Microrregião do Médio Rio Piracicaba, com sede em Rio Piracicaba, que sempre organiza eventos e mantém fortalecida essa tradição. A entidade é presidida por Maria José Damásio, também presidente da Guarda de Congado de Rio Piracicaba.

A associação tem como missão defender e amparar os congadeiros em todas as suas atividades legais, organizando anualmente o calendário de eventos (festas) e preservando as tradições culturais e a religiosidade popular do Reinado.

SALVAGUARDA DAS RAÍZES CULTURAIS

As raízes culturais dos Saberes do



Rosário, remontam à cosmologia centro-africana e ganharam reinterpretações no Brasil, atravessando três séculos e presentes no cotidiano ancestral até as celebrações festivas. Mestres e mestras reforçam que, por meio da devoção ao Rosário, essas tradições constroem comunidades afetivas, fortalecidas culturalmente, afrontando as violências históricas do passado e o racismo estrutural vigente.

As tradições ao Rosário atravessaram mais de 300 anos de história, alcançando o século XXI, com transformações e ressignificações, mas sempre mantendo uma identidade fundamental: a ancestralidade de matriz africana com canto, ritmo e dança. Na maior parte das vezes essas tradições envolvem a coroação de reis e rainhas congos (ou do Congo) como

parte principal de um festejo que, ao longo de dias cumpre alvoradas, levantamento de bandeiras, rezas, cortejos e missas.

A atribuição como patrimônio nacional não é apenas simbólica: ela vem acompanhada de um plano de salvaguarda desenvolvido em parceria com as comunidades e as instituições técnicas do Iphan. Esse plano visa promover, proteger e difundir as tradições, assegurando recursos para atividades como oficinas, intercâmbio entre grupos, pesquisas e celebrações locais.

MEMÓRIAS E FUTURO

Joaquim Bento de Souza, capitão regente da Guarda Marujos Nossa Senhora da Guia, da comunidade dos Fernandes, em São Gonçalo do Rio Abaixo, conta que participa das atividades de Congado desde criança. “É uma semente que meu pai, Benedito Sotero de Souza, plantou e, dessa semente, vieram os frutos. Não podemos deixar acabar porque o grupo de congado é feito de geração pra geração. Nossa Senhora do Rosário é uma mãe tão boa,

que não vai deixar o filho dela desamparado. Louvado seja o Nosso Senhor Jesus Cristo, para sempre seja louvado”.

Em Monlevade, o grupo de Congado da Associação Cultural do Congado de Nossa Senhora Santana, localizado no bairro Laranjeiras, foi fundado na década de 1960. Segundo Natália Rodrigues Nonato, o grupo foi fundado pelo avô dela, José Raimundo Nonato e reconhecido e registrado em 15 de julho de 1970. Hoje, os integrantes se doam para manter viva a tradição para o futuro.



(*)Erivelton Braz é Mestre em Letras, Teoria Literária e Crítica da Cultura, professor de Literatura, jornalista e escritor. Fundador da Rotha Assessoria e editor do Rotha Cultural



Congado: Festa devocional não é carnaval

(*) Dorian Marques

São Gonçalo do Rio Abaixo realizou no dia 1º de junho como encerramento da Semana Cultural de 2025, o 2º encontro de Congado: Os 7 irmãos do Reinado. O encontro estabelece um marco na cidade, pois é a primeira vez que ocorre após o reconhecimento do Congado de Minas Gerais em agosto do ano passado, como Patrimônio Cultural e Imaterial do Estado.

Além disso, sua reedição celebra o interesse e compromisso da administração municipal de salvaguardar tamanha riqueza de sua cultura local. Mas afinal de contas, o que é o Congado? Que expressão cultural é essa? Algumas pessoas se confundem ou têm dúvidas sobre isso. O Congado é uma festa católica brasileira que se constituiu a partir de um processo de resistência e ressignificação empregados por povos negros em diáspora. Muitos escravizados, trazidos da região central africana, principalmente, da região do Congo, já chegaram ao Brasil devotos do Rosário, pois aquela região foi cristianizada muito cedo por Portugal.

Em Minas Gerais é muito forte, especialmente em Ouro Preto, a figura de Chico Rei - segundo a história, um rei na África que é escravizado e trazido ao Brasil, onde consegue a sua alforria, festejando e fortificando as irmandades do Rosário. Daí, o Congado vai se estabelecer como essa festa devocional a vários Santos e Santas, como São Benedito, Santa Efigênia, Nossa Senhora das Mercês, São Sebastião, São Elesbão, Nossa Senhora Aparecida, Santo Antônio, São Jorge, dentre outros, sendo Nossa Senhora do Rosário a principal entre eles. Então, muitas pessoas pensam que porque é uma festa que está inserida na tradição e história das pessoas pretas ela não é católica. Isso é Racismo!

O Congado é uma festa católica, não é carnaval. E como disse a Rainha do Congado de Minas Gerais, a Rainha Belinha, “o Congado não é Folclore, porque Nossa Senhora do Rosário

rio não é folclore em crença nenhuma, em lugar algum”. Uma coisa importante da gente entender é que o Congado é uma manifestação de cultura brasileira de origem africana, então não tem que ser protegida só pelas comunidades pretas. O Congado é cultura brasileira! No estado de MG existem mais de 900 grupos registrados, guardas ou ternos, como são chamados.

Cada guarda tem ao menos um santo ou santa, que geralmente estão relacionados com as cores de suas vestimentas. Essas guardas estão vinculadas a algum tipo de Reinado, como o de Moçambique, Congo, Marujos, Catopê, Caboclos, Vilão e Cavaleiros de São Jorge, compondo assim os “7 irmãos do Reinado”, nome do livro oriundo de pesquisa do Antropólogo Saul Martins nos anos de 1980.

Para saber mais sobre a obra deste autor, que inspirou o evento de São Gonçalo do Rio Abaixo e sobre os grupos Congadeiros da cidade, você pode visitar a exposição “Salve Maria” na Casa das Artes, no centro de São Gonçalo, aberta ao público diariamente de 9h às 18hs.

O MITO

Reza a lenda que um negro escravizado tenha avistado Nossa Senhora do Rosário nas águas. Então ele vai avisar ao seu senhor, que imediatamente organiza uma banda com música em um barco e parte para buscar a Santa. Eles trazem a Santa e colocam em uma bela capela, mas ela retorna para onde fora encontrada.

Daí, um grupo de escravizados, supõe-se que de Moçambique, se organizam para buscar a Santa. Eles fazem um buraco em uma árvore e tiram a pele de uma animal para fazerem um tambor e buscam a Santa. Quando a Santa chega na terra, ela chora ao escutar a história de dor daqueles negros e onde caem suas lágrimas, nasce a planta conhecida como Lágrimas de Nossa Senhora.

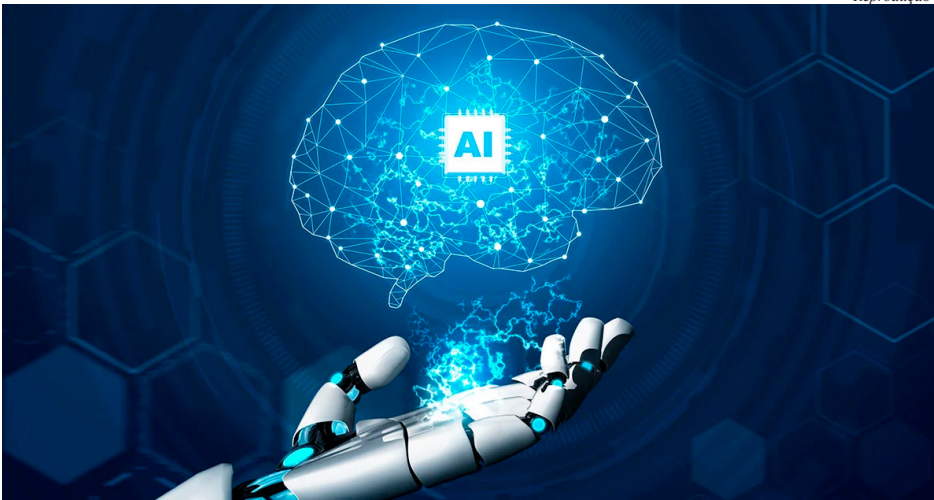
Dessa planta, eles retiram as bolinhas para fazerem os Rosários, símbolo de força e poder, e dali em diante Nossa Senhora do Rosário passa a ser louvada e venerada como a santa protetora daquelas pessoas.



(*) Dorian Marques é antropólogo e morador de São Gonçalo do Rio Abaixo

VIDA ARTIFICIAL

(*) Por Marcos Martino



A música artificial avança e as pessoas celebram. Quando começou, era estranho, tinha mesmo cara de artificial, as vozes soavam fake, com muito efeito. Mas a IA tem essa particularidade. Vai aprendendo e evoluindo. Hoje faz arranjos com grande fidelidade. A última imagem, do artista artificial tocando no aeroporto num box digital, pode ser que diga

muito sobre o futuro. Imaginem o dono de barzinho, ao invés de contratar o artista, que reclama de cachê, que precisa se alimentar ou descansar, simplesmente liga seu box digital e o artista artificial aparece. Vc pode até definir o repertório que o avatar toca. Se precisar repetir a música, só clicar. Se quiser que toque Raul à noite inteira, vai rolar. Qual a próxima fronteira? Eu não sei...

21º festival de inverno

SÃO GONÇALO DO RIO ABAIXO

São Gonçalo do Rio Abaixo

vive novas conquistas

17 A 27 JUL

na Praça Central

Festival de todos os sons

	17 JUL QUINTA 18h30 Daniel Moreira 19h Musicalidade 20h Big Band SG no Centro Cultural
	18 JUL SEXTA 21h Mumuzinho 23h Lipe Souza e Graci Ferreira - Pagode Raízes
	19 JUL SÁBADO 19h Neanderthal 21h Detonautas 23h The Beast Experience The Ultimate Iron Maiden Tribute DIA DO ROCK!
	20 JUL DOMINGO 19h Bruno Felga e Banda F 21h Simplesmente Roupa Nova
	22 JUL TERÇA 18h30 Os Saltimbancos 19h30 Os Saltimbancos no Centro Cultural
	23 JUL QUARTA 20h Perigol 23h Mineiros em férias no Centro Cultural
	24 JUL QUINTA 19h Cinema na Praça
	25 JUL SEXTA 19h Banda Decks 21h Vitor Kley 23h Banda Sgt Pepper
	26 JUL SÁBADO 19h Deangelo Silva 21h Alceu Valença 23h Bob Drumond convida: Tacho Trio e Naldo Sanfoneiro
	27 JUL DOMINGO 15h Tiago Luiz convida: Tardezinha 2.5

ARTIFICIAIS JÁ NATURALIZADOS

Eu tomo TANG de vez em quando. Já tomei muito kisuco. Gosto também da marca FRESH, mais concentrado. Eles fazem sucos artificiais. Claro que prefiro os sucos in-natura. Mas como dá trabalho de fazer, na pressa resolvo com os artificiais mesmo. Acontece também com o miojo. Consumimos muitos produtos artificiais em nosso dia a dia.

SUNO EVOLUI

O suno começou e parecia uma brincadeira, um game musical. Mas foi aprendendo e tá cada vez mais profissional. Permite por exemplo você gravar uma música com violão e voz, você manda o prompt e eles criam o arranjo em cima. Se você não gostar de algum elemento, pode modificar depois.

MÚSICA SEM ALMA?

É nisso que os compositores e criadores humanos se agarram. Música feita por IA não tem a vivência, as dores, a emoção humana. Esses dias experimentei criar um rock, mandei a letra, o que chegou foi um rock cantado com voz de rock, guitarras bem tocadas, bateria mandando ver. Tudo bem, não tem uma pessoa tocando. Mas não consigo dizer que não tinha emoção. Se a pessoa que escrever o prompt consegue direcionar bem, consegue passar sua emoção assim como um pintor que carrega na emoção, na ponta de seu pincel.

NÃO É SÓ A MÚSICA

Eu tava vendo, uma IA na área da saúde é capaz de diagnosticar doenças com 99,1% de acertos, muito acima do potencial humano. Na área da saúde a IA vai ser ferramenta, mas vai substituir muitos profissionais também.

TRABALHOS DE ESCRITÓRIO

Tava vendo uma palestra de um especialista dizendo que 70% dos trabalhos de escritório vão simplesmente desaparecer. A IA lida muito bem com a burocracia, cadastros, planilhas, documentos formais.

AGENCIAS DE PUBLICIDADE COMO A GENTE CONHECE VÃO ACABAR

As Big Techs vão disponibilizar

gratuitamente, dentro de suas plataformas, agentes de IA que vão cuidar de toda a publicidade pra você. Desde a criação até o planejamento e execução de toda social mídia e de todo o processo publicitário.

NATURALIZANDO A IA

A humanidade é assim mesmo. Se lambuza com as novidades. Pode ser que em algum ponto a IA realmente se firme como ferramenta e as pessoas passem a usar de forma prática.

Dizem que o tempo as coisas vão se naturalizar.

ESPERANÇA IN NATURA

Que vai continuar existindo quem faça as coisas do modo natural. Tem o cafezinho de máquina (horrível). Não vamos abrir mão do cafezinho coado. Tem o miojo. Mas não vamos abrir mão da macarronada a bolonhesa do jeito que as vós e mães ensinaram pras filhas (será?). Tem a cachaça industrial, mas não abrimos mão da caninha artesanal. Vai ter a música feita pela IA, mas não abriremos mão da legitimidade do artista humano, que erra a letra e pode até desafinar, com um pouco de microfonia, mas é ele mesmo ali...com seu sentimento, fortalezas e fragilidades.

MÁQUINAS OBEDIENTES... ATÉ QUANDO?

Por enquanto as IAs dependem de nós. Nós damos os comandos e elas executam. Dizem que vai chegar o dia da AGI, em que as máquinas vão adquirir plena autonomia, vão pensar por si e quando isso acontecer, é imprevisível o que pode acontecer. É a humanidade brincando de Deus.



(*) Marcos Martino é alvinopolense, compositor, ativista e multiartista

Flimon

Nasce uma semente literária em João Monlevade



Fotos: Divulgação

Flimon contou com debates e exposições de livros de autores monlevadenses na Praça 7

De 13 a 15 de junho, João Monlevade viveu uma experiência cultural inédita: o primeiro Festival Literário de João Monlevade — o FLIMON. Idealizado e realizado pelo Coletivo 7Faces, o evento reuniu literatura, poesia, oficinas, debates e música, num formato acolhedor e potente. A atriz, produtora cultural e integrante do coletivo, Carla Lisboa, fez um balanço do evento e revelou os próximos passos dessa iniciativa que promete se firmar no calendário cultural da cidade.

Para os organizadores, o evento foi positivo e foi além das expectativas. "Para a primeira edição, o Flimon foi um sucesso", afirma Carla. Ela destaca que a proposta do festival, com três dias de programação diversa e intensa, foi bem recebida pelo público. "Tivemos retornos superpositivos e carinhosos, tanto de quem participou como público quanto de convidados", relata.

Flimon foi realizado com recursos da Política Nacional Aldir Blanc - PNAB, do Ministério da Cultura e Governo Federal, através da Casa de Cultura e Prefeitura Municipal de João Monlevade. A produção é do Coletivo 7 Faces.

RESISTÊNCIA EM TEMPOS DIGITAIS

A abertura do FLIMON aconteceu na quinta-feira (13), com o tradicional Sarau 7Faces e o Bate-Papo Cultural, que teve como tema "Em tempos de inteligência artificial e áudios acelerados, escrever é um ato de resistência". A conversa reuniu o multiartista Marcos Martino e as escritoras Jaqueline Silvério e Luzia Inês Martins.

Para Carla, a primeira noite foi marcada por um público menor que o esperado, mas de alta qualidade. "Comparando com outras edições, foi um pouco mais tímido. Talvez o frio tenha espantado alguns. Mas quem foi, prestigiou e elogiou. Percebemos que existe uma carência de eventos

culturais de verdade", avalia. Além das rodas de conversa, a noite contou com feirinha de livros, sebo literário e muita troca afetiva, uma das marcas registradas das ações do coletivo.

OFICINAS E BATE-PAPO LITERÁRIO

A sexta-feira (14) foi dedicada à formação e ao debate literário. Pela manhã e à tarde, o público teve acesso a oficinas de escrita criativa, com o escritor e jornalista Erivelton Braz e encenação artesanal, com a artista plástica Adriana Soares. À noite, o Villa de Minas, no bairro Paineiras, foi palco do Bate-Papo Literário, com Erivelton Braz, Marcos Lizardo e Marcos Martino, mais um momento de reflexão e trocas.

"Mesmo com muitas atividades no mesmo dia, tudo correu bem. As oficinas proporcionaram uma troca mais próxima entreicineiros e público. Já no Villa, o clima foi aconchegante. Os anfitriões Rômulo Rás e Lidiane sabem como receber", completa Carla.



Evento teve noite especial com literatura e música de qualidade

HIP HOP COMO LITERATURA VIVA

O encerramento do festival, no sábado (15), foi marcado pela força das ruas. A Praça do Povo se transformou num palco do hip hop, com apresentações, batalhas de MCs e uma verdadeira celebração da palavra falada e cantada.

Para Carla, o movimento hip hop é parte essencial da identidade do Coletivo 7Faces. "Desde 2013 o hip hop está presente em nossas ações, como o Festival Marmotas, que em várias edições teve programação dedicada ao gênero. RAP significa ritmo e poesia. As batalhas de MCs e até a batalha de TAG têm um viés literário. Impossível pensar o FLIMON sem hip hop", afirma.

FUTURO

Carla Lisboa conta que o objetivo é consolidar o FLIMON como um evento anual, assim como o já tradicional Festival Marmotas. "E agora o 7Faces virou gente grande. Nos formalizamos como associação. Pode esperar novidades", adianta. A próxima grande ação do grupo já tem data marcada: o retorno do Festival Marmotas, em novembro deste ano. Além disso, o Sarau 7Faces voltará a ser realizado de forma contínua, a cada dois meses, em parceria com o coletivo A3liê.

Segundo Carla, o maior acerto do festival foi manter o clima intimista e afetivo das atividades. "Recebemos muitos retornos sobre esse aconchego. Isso vale mais que público lotado. A qualidade estará sempre à frente da quantidade", reforça. Mas ela também faz um alerta: "Faltou a presença de parte da classe artística e cultural da cidade, que sempre reclama da ausência de eventos, mas nem sempre participa quando eles acontecem. Ainda assim, seguimos fazendo na contramão, como é a natureza da arte", afirma.

Relógio parado não marca o tempo de agir

(*) Gláucio Santos

Bateu o sinal e não vi a hora passar. Retiro o celular do bolso para conferir a hora, mas fico no vácuo. É que a bateria descarregou por completo no momento do desbloqueio da tela. Que má sorte. Hoje em dia quase ninguém utiliza, mas lembrei do meu relógio de pulso.

Eu o ganhei no sorteio de uma rifa, daquelas que a gente compra para ajudar o próximo. Por incrível que pareça, nunca tenho sorte com rifas ou ações deste tipo, mas desta vez lucrei.

Mas a grande questão é que não havia sequer percebido que os ponteiros do relógio estavam parados.

De longe, ouvi um burburinho e, mais do que depressa, redobrei a atenção.

Uma avalanche de vozes invadiu o corredor até alcançar a sala em que eu estava. Ouvia palavras que, a grosso modo, não conseguia compreender, uma mistura de gritos, falas e gargalhadas. Então percebi que crianças se aproximavam.

Pronto, agora já sei a hora. Provavelmente o sinal bateu às 15h30 ou algo próximo desse horário, se o tocador de sino não tiver dormido no ponto. Rapidamente desci as escadas e fui até a área de alimentação. No recreio da escola, você sabe como é: uma pitada de algazarra, outra de criança correndo para os

lados com a lancheira na mão e um pouco de silêncio daqueles que não querem se envolver. Aliás, é uma situação à qual bons observadores estão atentos: pessoas que ficam em silêncio.

Minha posição era de águia. Ah, mas antes que os apressados façam suas apostas fora de contexto, estou falando de uma tentativa do olhar atento a todas as coisas, mesmo sabendo que ninguém ou quase ninguém dá conta de todas as coisas.

Eis que, de repente, surge ao meu lado um pequeno. Ele levanta a cabeça, com os olhos aflitos, me chama de tio.

- Tio, Romeu falou que eu estou comendo comida de macaco.

No momento daquela escuta, acho que congelei e acredito que devo ter arregalado os olhos. A boca ficou seca e precisei refletir rapidamente sobre como responder ao pedido de socorro.

Mais que depressa, olho para o lado oposto ao do primeiro garoto e eis que meus olhos se encontram com o pequeno Romeu.

Sem levantar o tom de voz, busquei conversar e compreender o que motivou aquele garoto tão jovem a dizer que o coleguinha comia comida de macaco. Disse a ele que aquele comentário estava errado porque as pessoas também comem banana, assim como os pássaros.

Com aquela rápida conversa, busquei de alguma forma acolher a pequena criança negra diante de uma fala que é muito naturalizada em nosso país, tão marcado pelo racismo estrutural, institucional, religioso, ambiental e recreativo.

Certamente, o pequeno Romeu aprendeu com alguém a se comportar daquela forma perante uma pessoa negra. As crianças não nascem racistas, já dizia Nelson Mandela. Elas aprendem com os adultos que cometem atos racistas ou que se silenciam por falta de coragem para combatê-lo.

O caso me fez refletir sobre um fato noticiado pela imprensa envolvendo um porteiro de uma escola que teria sido chamado, por crianças, de macaco, fedorento e urubu. O desenrolar da história foi o profissional transferido da unidade onde trabalhava e, depois de um tempo, demitido. A instituição alegou que apurou o fato e que faltaram provas que confirmassem a acusação, alegando que não tolera qualquer forma de preconceito ou discriminação. O jornal noticiou que o caso não teve testemunhas e

ficou o sim pelo não.

Se usarmos lupa, talvez percebamos que esses casos não são isolados, mas parte de uma prática institucional em tantos outros lugares quando não há uma gestão comprometida com o antirracismo por meio do protagonismo negro.

O racismo é uma prática da vida cotidiana do povo brasileiro. Quem é negro (preto ou pardo) sabe bem dessa história. Ou ele sofre diretamente ou as situações o atravessam. Quanto mais retinta a pele, mais recebem olhares diferentes, comentários inapropriados, inclusive sobre o cabelo - isso quando não o tocam ou se surpreendem com a qualidade da textura e o cheiro de fios limpos.

Um tempo atrás, recebi um relato sobre um desenho em que foi usada palha de aço para representar o cabelo de uma pessoa negra. Quando recebi a imagem com os detalhes, confesso que, num primeiro momento, fiquei paralisado. Em casos assim, o estômago chega a embrulhar, mas é indispensável agirmos com coragem no enfrentamento ao racismo, mesmo a contragosto de um sistema que não quer ser questionado.

Com uma nuvem de pensamentos, inquietações e desejo por mudanças, percebo que alguém bateu o sinal, interrompendo aquele momento reflexivo. Perante o relógio, ainda no refeitório, enxergo ponteiros a girar e num choque de realidade concluo que está na hora de subir as escadas.

Agora é a hora. Hora de trabalhar por uma educação antirracista, de dizer que racismo é crime e, sobretudo, estar vigilante e com os ouvidos atentos para com as pessoas negras que vivenciam a dura realidade da injúria racial, da invisibilidade e do não acolhimento. (Re) Existimos!



(*) Gláucio Santos é educador étnico-racial, professor da educação básica e jornalista. Mestre em Educação

MISTURA BOTECO CHIC

DO BAR À MESA COM ELEGÂNCIA

O MISTURA 2025 ESTÁ PRONTO PRA TE SURPREENDER

SEU JORGE VINNY SANTA FÉ (samba)

27 DE JULHO | A PARTIR DE 13H | PRAÇA DO POVO

Festival da Vida

Montanhas Circuito Turístico

CASA DE CULTURA de João Monlevade

PREFEITURA DE JOÃO MONLEVADE ADMINISTRAÇÃO 2023 - 2028